

## 1. Por onde devemos recomeçar

Após três anos de interrupção devido à pandemia de Covid-19, retomamos o nosso Curso de Formação Monástica de acordo com o programa que interrompemos com o Curso de 2019. Nestes três anos, especialmente desde a primavera de 2020, passamos por um período de provação, medo e desorientação, junto com o mundo inteiro, que ainda não acabou, sobretudo devido à guerra na Ucrânia que começou no final de fevereiro deste ano. A humanidade oscila entre o desânimo e a indiferença. Talvez vivamos um pouco como no século X d.C., quando ao aproximar-se do ano 1000, onde se temia o fim do mundo anunciado pelo Apocalipse, as pessoas viviam entre o medo e a superficialidade. E nós, como vivemos este momento dramático da história? Como é que vivemos a nossa vocação? Sentimo-nos responsáveis da humanidade que parece estar cada vez mais à deriva, sem sentido de viver, sem esperança de um futuro melhor, sem solidariedade entre os pobres, sempre mais pobres, e os ricos cada vez mais ricos?

Ao mesmo tempo, Papa Francisco, como fizeram os Papas, é um forte apelo à esperança e a viver uma fé verdadeiramente empenhada na caridade para com os mais pobres e infelizes. Pede-nos que vivamos nossa vocação religiosa e monástica com responsabilidade para com a Igreja, para com a humanidade e também para com o universo criado, casa comum, que devemos cuidar por amor do homem de hoje e de amanhã. Mais particularmente, o Papa convida-nos nestes anos, a aprofundar a nossa consciência e experiência sobre a natureza sinodal da Igreja, também como a melhor forma de avançarmos no tempo em que vivemos de uma forma fecunda e útil para nós mesmos, para a Igreja e para o mundo. A sinodalidade, o caminhar juntos, é para nós e para todos, o caminho eclesial e seguro para avançar seguindo Jesus Cristo, e assim ter a certeza de que o caminho está certo, mesmo que muitas vezes pareça que estamos "caminhando por um vale escuro" (cf. Sl 22,4).

No último dia 13 de junho, encontrei o Santo Padre em uma audiência privada, e depois de lhe ter falado do caminho da Ordem nos últimos anos, disse-lhe em síntese: "Temos mais dificuldade para andar, mas caminhamos juntos". Ele respondeu: "Lembro-me de um ditado africano que diz: Se queres andar depressa, anda sozinho; mas se queres andar seguro, anda junto com os outros".

Acredito que no momento atual, devemos aprender de novo com São Bento e com os nossos pais e mães na vocação monástica, a caminhar juntos, a caminhar realmente juntos, mesmo que isto implique um sacrifício de nós mesmos, da nossa forma de entender nós mesmos, a vida e a própria vocação. Porque devo dizer que vejo crescer nas nossas comunidades, sobretudo entre os mais jovens, um estranho individualismo na concepção e no viver a vocação, na concepção dos votos, na concepção da comunidade, na concepção até da santidade, ou seja, da plenitude da vida para a qual somos chamados. Compreendo que precisamos de um aprofundamento do sentido da vida como vocação, e do sentido da vocação como missão, como tarefa que o Senhor confia a cada um de nós para a vitalidade da Igreja e a salvação do mundo.

Para mim está cada vez mais claro, que não podemos caminhar verdadeiramente juntos se não dissermos pessoalmente sim ao chamado do Senhor, para segui-lo na estrada que Ele abre diante de nós. Não podemos seguir Cristo sozinhos, mas também não podemos caminhar juntos atrás Dele, sem um salto na concepção e consciência do nosso "eu", um salto que comporta uma renúncia ao que em nós se opõe ao caminho de Cristo, à Sua vida a qual Ele nos pede que nos conformemos, para que Ele possa viver em nós.

São Paulo escreve aos Gálatas: "Fui crucificado com Cristo e já não sou eu que vivo, mas Cristo vive em mim. Esta vida na carne eu vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim". (Gal 2,19-20)

"Já não sou eu que vivo, mas Cristo vive em mim". O que é que isto significa? Qual salto de consciência e da vida é necessário para cada um, para passar da vida pessoal a vida de Cristo, em nós? Esta é certamente a finalidade dos votos da nossa Profissão monástica, seja como São Bento os formula – obediência, *conversatio morum* e estabilidade – seja como se chegou a formular mais tarde – obediência, pobreza e castidade. Trata-se de uma escolha da nossa liberdade, que comporta uma nova concepção da pessoa, do nosso estar e caminhar com os outros.

Eis, o desejo que sinto, na consciência da necessidade da vida nova, que vejo nas nossas pessoas e comunidades, é o de aprofundar a nossa consciência dos votos para viver uma verdadeira sinodalidade na Igreja e ao serviço da Igreja, neste momento dramático da história. Compreendo que se não tomarmos consciência disto, corremos o risco de viver a atual fragilidade de nossas Ordens, como um fim estéril, que não testemunha a Páscoa, ou seja, a possibilidade da Ressurreição mesmo que morramos.

De fato, me convenço sempre mais de que na Igreja de hoje, mais do que uma crise numérica de *vocações*, existe uma crise da *vocação* enquanto tal, uma crise na forma de conceber a vocação de seguir Cristo. E isto em todas as formas de vocação em que Jesus pede para ser seguido. Mesmo entre os leigos existe uma crise de vocação, uma crise no conceber e viver a vocação que o Batismo e a Confirmação comportam, em particular a vocação matrimonial.

E as comunidades que têm mais vocações, não são poupadas da crise vocacional. Pelo contrário! As vezes são justamente as comunidades mais numerosas que mais facilmente perdem o cuidado com o sentido profundo da vocação, acreditando que basta ser numerosos para estar vivo e fecundo para Cristo. O problema não é ter poucas ou muitas vocações. O importante é cultivar e favorecer o sentido da vocação cristã e monástica, assim como Cristo nos pede para vivermos, seguindo a sua Pessoa e identificando-nos com a sua vida.